

Olelas e Pragança.

Duas fortificações calcolíticas da Estremadura

João Ludgero Marques Gonçalves *

Resumo

Analisam-se duas fortificações calcolíticas da Estremadura. Olelas e Pragança eram conhecidas há muitos anos e foram já parcialmente escavadas. Porém, escavações recentes trouxeram dados novos. As datações obtidas agora permitem integrar a sua construção no Calcolítico inicial (entre 2500 e 2300 a.C.).

Elas são semelhantes em alguns aspectos. Os aparelhos construtivos, feitos com grandes blocos de pedras, os corredores de acesso a espaços interiores e o mesmo tipo de implantação no terreno comprovam a sua integração nesta época. O achado de ídolos nas estruturas poderá significar que estas cidadelas ciclópicas não tinham apenas funções defensivas mas poderiam ter, também, funções sagradas ou de culto.

Abstract

Two Chalcolithic fortified sites of Estremadura (Portugal) are here analysed: Olelas and Pragança. They were known for several years and were already partially excavated. The 14C dates now obtained allow us to locate their building in the beginning of the Chalcolithic (between 2500 and 2300 b.C.).

These sites are similar in some aspects. The masonry used, made with large stones, the access pathways to the inside areas and the same type of setting in the landscape point to their integration in this time-span. The finding of idols inside the structures might mean that these cyclopean fortresses had not only a deffensive function but might also had a sacred or cultural function.

* Arqueólogo da Câmara Municipal do Bombarral.

Oleas e Pagança. Duas fortificações calcolíticas da Estremadura

João Ludgero Mendes Gonçalves *

Resumo

Analisam-se duas fortificações calcolíticas da Estremadura, Oleas e Pagança, sendo consideradas as ruínas após a forma de parcialmente destruídas. Foram realizadas escavações arqueológicas em ambas as localidades. As escavações revelaram a existência de estruturas defensivas datadas do século III a.C. e a sua integração no sistema defensivo da Estremadura.

Das duas localidades em análise, apenas Oleas apresenta estruturas defensivas bem conservadas, o que permite a identificação de estruturas defensivas do século III a.C. e a sua integração no sistema defensivo da Estremadura. A análise arqueológica revelou a existência de estruturas defensivas datadas do século III a.C. e a sua integração no sistema defensivo da Estremadura.

Abstract

Two Calcolithic fortified sites of Estremadura (Portugal) are here analysed (Oleas and Pagança). They were located for several years and their remains partially excavated. The IIC dates were obtained allowing to form their building in the beginning of the Calcolithic (between 1200 and 800 B.C.).

These sites are similar to those of the Estremadura. The remains were found with large stones, the access pathways to the main area and the walls are of stone in the landscape form to their integration in the landscape. The finding of these remains the structure might mean that these Calcolithic fortresses had not only a defensive function but might also had a sacred or ritual function.

* Arqueólogo do Centro de Estudos de Évora.

1. Breve história

Os povoados de Olelas e Pragança são conhecidos desde há muitos anos e foram já objecto de escavações. Olelas foi referido em 1878 (Ribeiro, 1878), em 1914 (Correia, 1914) e, depois, em 1933 (Nogueira, 1933). Mas foi a partir dos anos 50 que Eduardo da Cunha Serrão e Eduardo Prescott Vicente dedicaram mais atenção a este local e aí realizaram algumas escavações (Vicente; Serrão, 1951, 1959; Serrão; Vicente, 1958).



O castro de Pragança foi descoberto em 1893 e foi logo escavado por José Leite de Vasconcelos (Vasconcelos, 1895; 1905; 1915). Mais tarde, nos anos 30, foi também escavado por Leonel Trindade (mas sem qualquer publicação dos resultados).

Recentemente, o autor, com o objectivo de retomar a investigação sobre estes povoados e neles esclarecer alguns aspectos ainda obscuros realizou novas escavações em Olelas, em 1988 e 1992, e três campanhas de escavação em Pragança, de 1988 a 1990 (na qualidade de arqueólogo da Assembleia Distrital

de Lisboa). Estes trabalhos permitiram trazer alguns dados novos para o estudo do Calcolítico português.

2. Situação e descrição

O povoado de Olelas, na freguesia de Almargem do Bispo e concelho de Sintra (distrito de Lisboa), está situado no topo de um planalto com cotas de 311-313 metros. A fortificação aí existente ocupa o canto nordeste do planalto. A norte e este encontram-se falésias que proporcionam uma boa defesa natural. A oeste e sul existem muralhas que, com a ajuda de torreões redondos, defendem um recinto de forma aproximadamente quadrangular.

O castro de Pragança, na freguesia de Lamas e concelho do Cadaval (distrito de Lisboa), está também situado no topo de uma elevação com a cota máxima 334 metros, apresentando falésias nos lados oeste e noroeste-sudeste. Todo o terreno do castro tem uma inclinação para este, mas no seu topo, e de encontro às falésias, foi construída uma grande fortificação maciça de forma semicircular. Esta estrutura defensiva estava totalmente inédita até 1988.

3. Escavações recentes

Em Olelas eram conhecidos dois monumentos de forma arredondada, sendo o monumento n.º 1 circular e o n.º 2 elíptico. Ambos apresentavam corredor de acesso a uma câmara interior mas era desconhecida a relação entre eles. A escavação de 1988 incidiu sobre o espaço existente entre estes dois monumentos. Um quadrado de 5×5 m permitiu descobrir a muralha que unia os dois monumentos e, ainda, um corredor que atravessava esta muralha de modo a fazer a ligação entre o exterior e o interior do recinto.

A escavação de 1992 foi orientada para a parte este onde se supunha que pudessem haver mais estruturas. Efectivamente, partia do monumento n.º 1 uma muralha em direcção à falésia este e encontrava-se adossada com um bastião semicircular já muito derrubado.

Em Pragança não se conhecia qualquer estrutura mas o relevo existente no topo do castro indicava que poderia ali haver algo soterrado. Em 1988, um primeiro quadrado aberto a meio deste relevo pôs a descoberto parte de uma muralha com uma face exterior e um interior preenchido por pedras pequenas.

Em 1989, foi escavada a área norte deste relevo descobrindo-se a continuação da muralha e um corredor de acesso a um espaço interior. Em 1990, escavou-se a área sul acabando por se definir todo o contorno desta estrutura semicircular e, ainda, uma outra estrutura anexa de planta rectangular.

4. Análise das estruturas

Em Olelas é agora conhecido todo o contorno de uma fortificação de forma aproximadamente quadrangular. Na frente oeste podem agora observar-se os dois torreões arredondados unidos por uma muralha de ligação. Do torreão norte parte outro troço de muralha que vai juntar-se à falésia. Na muralha entre os dois torreões existe um corredor que faz a passagem do exterior para o interior do recinto. O lado norte do corredor é formado por duas pedras compridas e o lado sul por quatro outras pedras de menores dimensões.

O comprimento total desta frente oeste tem cerca de 22 metros. A muralha e as paredes dos torreões têm cerca de dois metros de largura. A frente sul tem cerca de 20 metros de extensão e a sua muralha e o bastião semicircular adossado encontram-se em mau estado de conservação.

A construção das faces fortificadas é feita com grandes blocos de pedras. A muralha e os torreões têm duas faces, uma virada para o exterior e outra para o interior do recinto. Entre estas duas faces existe um enchimento com pedras de menores dimensões. Os torreões têm uma câmara interior com o respectivo corredor. No bastião sul não se detectou nenhum corredor de acesso (fig. 1).

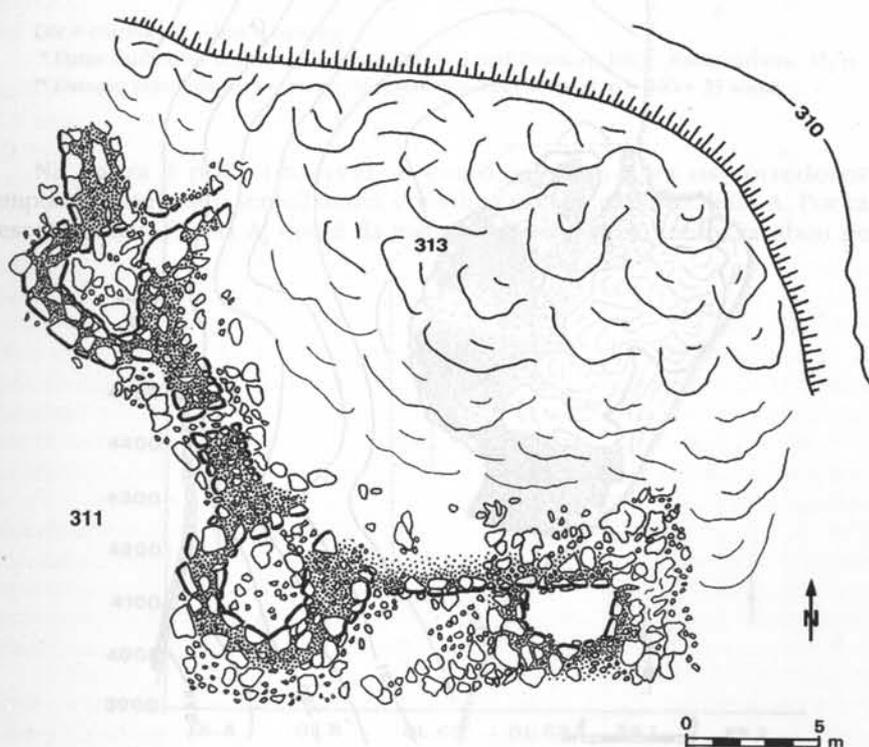


Fig. 1 – Olelas. Plano geral onde se vê a implantação das estruturas no terreno.

No povoado de Pragança, a estrutura aí existente apresenta algumas semelhanças de concepção com a de Olelas, apesar de haver diferenças formais entre elas.

Em Pragança observa-se uma construção de forma semicircular com uma muralha formada por grandes blocos de pedras que vai de encontro à falésia rochosa. No entanto, esta muralha não tem duas faces mas, apenas, a face exterior. O interior é preenchido com um aglomerado de pedras pequenas que fazem o enchimento do recinto e, também, o seu alteamento.

A norte existe um corredor de acesso ao interior da estrutura. Este corredor sobe desde a entrada até ao seu interior que deveria constituir uma plataforma elevada aproveitando os blocos de rocha natural. A sul existe uma construção anexa de forma rectangular. Esta estrutura é feita com blocos de rocha de menores dimensões do que os da grande torre semicircular e deve ter sido edificada como reforço desta. Por estar adossada à grande torre e assentar sobre a rocha, a sua construção deve ser pouco posterior àquela. Esta grande torre maciça tem cerca de 15 metros de comprimento por 10 de largura. Com a construção anexa, a sul, são cerca de 17 metros de comprimento (fig. 2).

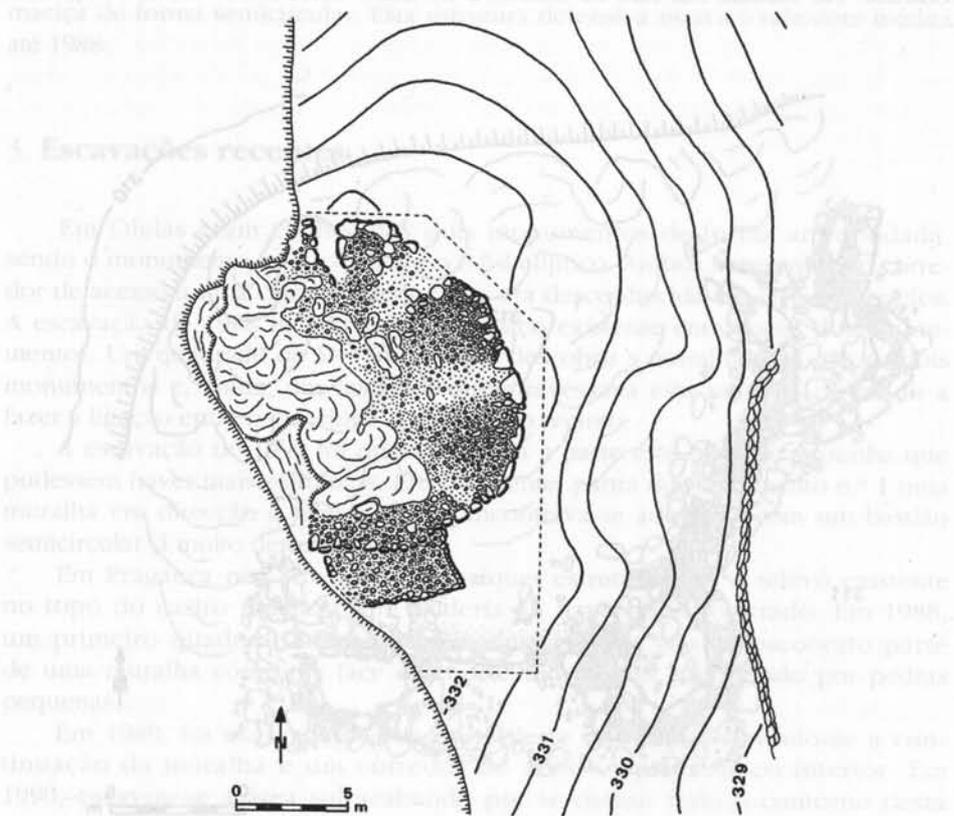


Fig. 2 – Pragança. Plano geral com a implantação das estruturas no alto do monte.

5. Datações

Foram seis as datações obtidas, cinco a partir de amostras de ossos de animais e uma de conchas, retiradas do enchimento dos corredores e do interior do bastião semicircular. São elas, Olelas A (ICEN - 346) que corresponde à metade superior do corredor da muralha oeste; Olelas B (ICEN - 347), da metade inferior do corredor da muralha oeste; Olelas C3 (ICEN - 879) da camada 3 do bastião sul; Olelas C3 P (ICEN - 880), de conchas *Pecten maximus* da camada 3 do bastião sul; Pragança 1 (ICEN - 572), obtida na metade superior do corredor e Pragança 2 (ICEN - 573), da metade inferior do mesmo corredor de entrada para a torre. No quadro seguinte mostram-se as respectivas datações:

	Data convencional de radiocarbono (anos BP)	Datas calibradas (cal AC) *		
		1 σ	2 σ	
Olelas A	4350 \pm 150	3298-2709	3491-2508	Cor
Olelas B	4060 \pm 70	2853-2471	2874-2408	Cor
Olelas C3	4400 \pm 45	3090-2920	3294-2910	Bas
Olelas C3 P	4330 \pm 120 **	3092-2784	3347-2610	Bas
Pragança 1	4050 \pm 60	2837-2471	2866-2456	Cor
Pragança 2	4120 \pm 50	2866-2581	2878-2496	Cor

Cor = corredor Bas = bastião

* Datas calibradas segundo a curva de Stuiver and Pearson, 1993 (*Radiocarbon*, 35, p. 1-23).

** Datação corrigida para o efeito de reservatório oceânico ($\Delta t = 360 + 35$ anos).

Na figura 3 pode observar-se como as datas para os corredores são temporalmente muito semelhantes, com uma excepção para Olelas A. Por razões desconhecidas, Olelas A, que é da metade superior do corredor, acabou por ter

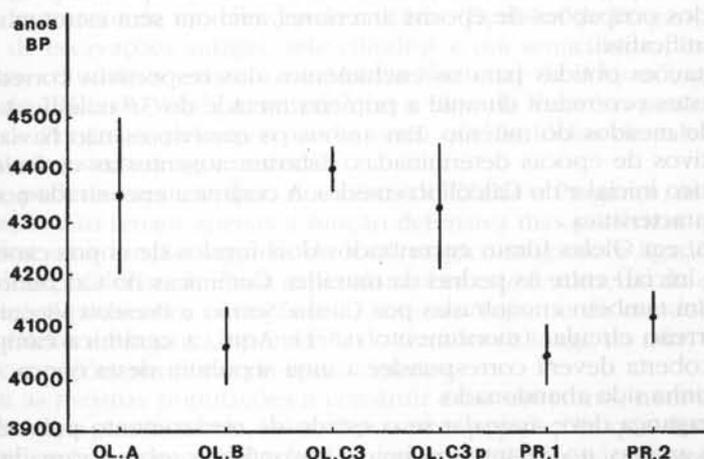


Fig. 3 – Esquema comparativo das datações de Olelas e de Pragança.

uma datação mais antiga do que Olelas B, que é da metade inferior do mesmo corredor.

Assim, em vista destas datações, pode dizer-se que o enchimento dos corredores de Olelas e de Pragança ocorreu durante a primeira metade do 3.^o milénio a.C.

As datações para a ocupação do bastião de Olelas (camada 3 - Calcolítico inicial) mostram ser mais antigas do que as datações dos enchimentos dos corredores e podem situar-se nos finais do 4.^o milénio e inícios do 3.^o milénio a.C.

6. Análise cultural e cronológica

As fortificações de Olelas e Pragança apresentam algumas diferenças entre si. Olelas tem muralha de duas faces e Pragança tem uma muralha de uma só face externa com um enchimento de pedras pequenas no interior. Olelas tem dois torreões e um bastião e Pragança é, em si, uma grande torre. Olelas forma um recinto interior rodeado de muralhas e Pragança é uma muralha com um recinto interno alteado.

Porém, existem semelhanças de concepção entre estas duas fortificações. Ambas aproveitam as falésias rochosas como delimitação de um ou dois lados, servindo aquelas de defesa natural. Ambas têm um corredor de acesso a um espaço interior. E ambas são construídas com grandes blocos de pedra, adquirindo um aspecto ciclópico, além de que se situam a altitudes superiores aos 300 metros, no topo de elevações rochosas.

Os dados obtidos nas escavações comprovaram que as estruturas fortificadas de Olelas e de Pragança foram construídas sobre a rocha base. Porém, em Olelas, observou-se que nos interstícios desta rocha base havia materiais do Neolítico médio e final, de uma época anterior à construção. Em Pragança não se detectaram quais os materiais anteriores à construção, no entanto, sabe-se que existem materiais neolíticos neste povoado, provenientes de escavações antigas. Assim, é certo que estas fortificações foram construídas quando já existiam nestes povoados ocupações de épocas anteriores, embora sem estruturas com este carácter fortificativo.

As datações obtidas para os enchimentos dos respectivos corredores indicam que estes ocorreram durante a primeira metade do 3.^o milénio, talvez mais próximo de meados do milénio. Em ambos os corredores não havia materiais comprovativos de épocas determinadas. Estavam ausentes as cerâmicas típicas do Calcolítico inicial e do Calcolítico médio. A cerâmica encontrada nos corredores era incaracterística.

Porém, em Olelas foram encontrados dois fundos de copos canelados (do Calcolítico inicial) entre as pedras da muralha. Cerâmicas do Calcolítico inicial e médio foram também encontradas por Cunha Serrão e Prescott Vicente no interior do torreão circular (monumento n.^o 1). Aqui, a cerâmica campaniforme então descoberta deverá corresponder a uma sepultura desta época, quando o torreão já tinha sido abandonado.

Em Pragança deve assinalar-se o estado de remeximento provocado pelas escavações antigas, no entanto, cerâmicas encontradas sobre a camada de enchimento de pedras pequenas no interior da fortificação comprovam a existência do Calcolítico inicial, médio e final (campaniforme).

Por outro lado, observando a escavação de Leceia, verifica-se que o apogeu fortificativo se deu no Calcolítico inicial, sendo o Calcolítico médio, nesta estação, uma fase de decadência. As muralhas de Leceia começaram a ser construídas no Calcolítico inicial sobre uma ocupação de época anterior, do Neolítico final. Deve registar-se, ainda, que algumas datações de Leceia, para o Calcolítico médio, são semelhantes às dos corredores de Olelas e Pragança. Neste povoado, existe na muralha O, atribuída ao início do Calcolítico inicial, um paramento construído com grandes blocos de pedras, de carácter ciclópico, com evidentes semelhanças com o tipo de construção de Olelas e de Pragança (Cardoso, 1989).

Atendendo a que as datações dos corredores de Olelas e de Pragança correspondem ao seu enchimento e, portanto, a uma fase de abandono, logo, a data da construção destas estruturas terá de ser anterior às datações respectivas. Estas devem datar o Calcolítico médio e a construção das fortificações de Olelas e de Pragança terá ocorrido no Calcolítico inicial, sobre ocupações do Neolítico final.

Foi isto que se comprovou na escavação de 1992 de Olelas na qual se explorou a muralha sul pondo-se a descoberto um bastião semicircular adossado à muralha. A escavação do interior deste bastião, cuja camada de ocupação só deu materiais do Calcolítico inicial, forneceu duas datações que indicam claramente esta época para a construção e ocupação desta estrutura. Tendo-se derrubado este bastião terminou a sua ocupação ainda no Calcolítico inicial. Porém, os outros dois torreões, ainda intactos, continuaram a ser ocupados durante o Calcolítico médio.

Note-se que a datação obtida no povoado do Alto do Dafundo para o Calcolítico inicial (Gonçalves, 1991) foi de 4320 ± 70 BP (ICEN 466), muito semelhante às datações do interior do bastião de Olelas ou seja, 200 a 270 anos mais antiga do que as datações dos corredores de Olelas e de Pragança.

Ainda algumas considerações sobre a função destas estruturas. Parece certo que a função principal possa ter sido a defensiva. Mas, em Olelas, no torreão circular (monumento n.º 1), foram encontrados alguns objectos de carácter mágico-religioso, um vaso de calcário zoomórfico, uma falange de cavalo decorada e um fragmento de um cilindro de calcário. Também de Pragança são provenientes, de escavações antigas, sete cilindros e um semicilindro, em calcário. Estes ídolos cilíndricos existem no Museu Nacional de Arqueologia, com a indicação de "Bico da Vela". Acontece que o Bico da Vela é o ponto mais alto do castro de Pragança, pelo que parece certo que os ídolos de calcário foram encontrados na estrutura agora estudada.

Assim, poderia supor-se que, nos casos de Olelas e Pragança, as estruturas de fortificação não teriam apenas a função defensiva mas poderiam igualmente desempenhar uma função sagrada, de local mágico-religioso e ligado ao culto.

A finalizar, poderíamos ainda especular sobre este fenómeno da construção de fortificações poderosas, como Leceia, junto ao Tejo, ou de cidadelas ciclópicas, como Olelas e Pragança, no interior do território e longe do mar, estabelecidas sobre ocupações neolíticas de época anterior.

Seriam as mesmas populações a construir estas estruturas, num modelo de evolução local na continuidade, ou seriam outras populações que deram origem a estas fortificações, num modelo de clivagem cultural (que não necessariamente bélica) com populações pré-existentes? Mas este assunto terá de ficar para uma outra oportunidade.

Bibliografia

- CARDOSO, J. L. (1989) - *Leceia, resultados das escavações realizadas 1983-1988*. Oeiras: Câmara Municipal, p. 63, fig. 56, p. 136.
- CORREIA, V. (1914) - *Uma volta pelas serras de Olela*. «O Archeologo Português». Lisboa. 19, p. 205-210.
- GONÇALVES, J. L. M. (1991) - *O povoado do Alto do Dafundo, corte A e datação para o Calcolítico inicial estremenho*. «Arqueologia». Porto. 21, p. 24-26.
- NOGUEIRA, A. de M. (1933) - *Estação pré-histórica de Olelas - Elementos para o seu estudo*.
- RIBEIRO, C. (1878) - *Notícia da estação humana de Licea*. «Memória da Academia Real das Ciências de Lisboa». Lisboa. p. 69.
- SERRÃO, E. da C.; VICENTE, E. P. (1958) - *O castro eneolítico de Olelas, Primeiras escavações*. «Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal». Lisboa. 39, p. 87-125.
- VASCONCELOS, J. L. de (1895) - *Castros*. «O Archeologo Português». Lisboa. 1, p. 5-6.
- VASCONCELOS, J. L. de (1905) - *Notice sommaire sur le Musée Ethnologique Portugais*. «O Archeologo Português». Lisboa. 10, p. 67.
- VASCONCELOS, J. L. de (1915) - *História do Museu Etnológico*. Lisboa. p. 183.
- VICENTE, E. P.; SERRÃO, E. da C. (1951) - *O castro eneolítico de Olelas. Breve notícia*. «Trabalhos de Antropologia e Etnologia». Porto. 13:1-2, p. 46-78.
- VICENTE, E. P.; SERRÃO, E. da C. (1959) - *O castro eneolítico de Olelas. Os monumentos n.º 1 e n.º 2*. In «Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia, Lisboa, 1958». Lisboa: Instituto de Alta Cultura. p. 299-315.
- O Arqueólogo Português, Série IV, 8/10, 1990-1992, p.